



A CONEXÃO ÍNTIMA ENTRE A FILOSOFIA COMO "MODO DE VIDA" E A ASCESE

Eduardo Guerreiro Brito Losso*

Há um conflito secular entre escrita e vida tanto na literatura como na filosofia. Ambas precisam se afastar da ordem vigente e, por meio de uma ascese da leitura e do estudo, reinventar o mundo a partir da imaginação e da reflexão. Essas duas faculdades, no Ocidente, são devidamente exercitadas no pensamento, mas ele só alça voo no diálogo socrático, na leitura e na escrita. Contudo, ao iniciar o afastamento e a crítica da ordem social, a literatura, com seus "escritores de gabinete" (Mário de Andrade), e a filosofia, com suas questiúnculas acadêmicas, acabam por institucionalizar um mundo erudito à parte que reproduz a própria injustiça e pobreza existencial do mundo, tornando artificial, museificada, a experiência originária da qual brotaram ideias e obras. Como sair desse impasse? Essa é uma das perguntas essenciais a que o livro *Filosofia em comum: para ler junto*, de Marcia Tiburi, pretende responder.

O livro parte do princípio de que a história da filosofia ensinada na universidade, embora seja necessária, prejudica a vitalidade do pensamento, a chispa de iluminação que pode brilhar em cada pessoa e dar frutos muito singulares (em vez de supor que "tudo já foi pensado" pelos filósofos canônicos); a capacidade de ser um lugar de encontro não só para troca de ideias, mas para o nascimento coparticipativo de novas ideias (é o que prometia o diálogo socrático). Pensar não só é algo espiritualmente íntimo, "Pensar é algo comum", comum para o foro interior de qualquer um e para a comunicação vital dessa intimidade existencial. A partir de então, a proposta é apurar a audição reflexiva do pensamento de modo a torná-lo ativo, criativo, apto a abrir a capacidade de autotransformação, ou seja, justamente aquilo que os livros de autoajuda deveriam proporcionar e não conseguem por, entre outras coisas, ignorar a filosofia. Logo, a ideia parece ser encontrar um lugar diverso da especialização acadêmica e da banalização da autoajuda, servindo-se do conteúdo do primeiro para explorar de modo consequente o território do segundo. "Uma prática do intelecto [...] racionalidade com sensibilidade", que congregue todos numa autoria coletiva (praticada já no livro, ao reescrever ideias consagradas a seu modo), para algo que vá além do sistema fechado dos grandes pensadores e também "para além do livro"; o livro é um "dispositivo" de saída de

* Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

qualquer institucionalidade, quer sair até de si mesmo, para chegar à experiência do pensamento "sem disciplinas".

Por isso, a enunciação do texto é frequentemente autorreferente. Na introdução, a autora esclarece o próprio livro para embasar melhor a singularidade de sua proposta; na primeira parte, muitos problemas filosóficos, por exemplo, são tratados como questões pessoais por um eu que sempre os interioriza e força a identificação do leitor. Nos primeiros capítulos, a escrita parece correr solta gozando de sua "indisciplina", deixando-se levar pelas questões, para, na segunda e terceira partes, assumir um tom mais expositivo. Em vez de descaso, trata-se de uma estratégia literária de iniciação aos problemas básicos da filosofia (conceitos como nada, dúvida, certeza, ser, "eu penso", sujeito e objeto, imaginação, memória, mundo, diferença e interpenetração entre poesia e filosofia, poder, política, ação, logos e mito, razão e sensibilidade, sabedoria, interpretação, dialética), aos problemas mais recentes da filosofia contemporânea (estilo, escrita e retórica filosófica, linguagem, comunicação, identidade, diferença), assim como conceitos aos quais a autora dá um tratamento especial dentro de seu escopo (escuta, voz, encontro, atenção, ócio). Na sequência das partes, a primeira detém-se na relação entre o eu e o vazio, dentro e fora de mim, reflexividade; a segunda explora a relação da filosofia com a escrita, a poesia, a comunicação; a terceira desemboca na ação da filosofia ao se relacionar com as fronteiras da linguagem (o corpo, o encontro com a alteridade).

Na travessia da experiência, o livro insiste no espanto (*thaumastzein* grego) que "acorda para a novidade do mundo" e leva ao prazer de pensar, à perplexidade diante da infinitude potencial da existência e a finitude do sujeito; ou no desprazer de encarar o nada e a morte, que desemboca também na necessidade de produzir uma crítica da injustiça social, que empobrece a potencialidade vital. Se o pensamento, segundo Benjamin citado pela autora, é o mais poderoso narcótico para nossa solidão, é porque ele tem o poder de aumentar tanto a lucidez quanto a embriaguez, podendo até tornar indistintas as duas coisas, numa espécie de embriaguez lúcida ou de "fantasia exata", de Adorno, na qual "a vertigem faz parte do método". Nesse sentido, o livro aposta no potencial estético, ascético e místico da filosofia (ainda que a autora não use essas palavras), ou seja, além de a filosofia refletir sobre a arte e a mística, há nela uma capacidade de levar a uma experiência estética e mística do pensamento. Além disso, ela possui linhas de fuga que apontam para "fora de mim" e carrega também um potencial comunitário, crítico e político. Em tempos de descrença no potencial comunitário da própria cultura, quando a prática da leitura – que até o século XIX era muito coletiva – se tornou sinônimo de solidão, a ligação da troca de ideias coletiva com a transformação pessoal, a reinvenção do mundo e a crítica social é um ponto forte de Marcia Tiburi. Essa é uma promessa do ambiente virtual, mas também algo a se descobrir ativamente no dia a dia.

Quando o livro propõe pequenos exercícios ("façamos uma lista de nossas certezas. Descubrimos o tamanho de nossa incerteza?"), servindo-se de um procedimento da literatura de autoajuda, ele na verdade retoma a conexão íntima entre a filosofia como "modo de vida" (dos pitagóricos à Antiguidade tardia) e a ascese. De fato, contra o treino imposto institucionalmente da filosofia como "disciplina", a saída é descobrir um modo de viver intimamente a filosofia ("a filosofia ... como forma

de atenção"), o que é, penso eu, uma secularização da ascese antiga. Intimidade e comunidade vital são ideais que se complementam: a ascese é uma ação de autotransformação que quer chegar à mudança social. Essa complexidade é literária, própria do nascimento do romance, além de ser filosófica. Curiosamente, é nesse aspecto de experimentação vital que a escrita filosófica se torna essencialmente literária. Embora Marcia Tiburi pense muito em poesia, sua escrita lembra mesmo, especialmente na introdução e na primeira parte, as inquietudes existenciais de Clarice Lispector, que não são pouco filosóficas, como um Benedito Nunes já nos demonstrou. A escrita poético-filosófica de Clarice parece agir subterraneamente no livro de Tiburi, lá onde prosa, poesia e filosofia se encontram no ensaísmo, seja especialmente nos momentos "indisciplinados", seja nas comparações alegóricas.

Concluindo, Marcia Tiburi aproveitou o ensejo de, num livro de iniciação à filosofia, reinventar a escrita filosófica de modo a de fato pensar; reescrever a filosofia como ação coletiva para além do texto e, ao apostar numa aventura literária, conduzir leitores à autêntica experiência do pensamento.

TIBURI, M. *Filosofia em comum: para ler junto*. Rio de Janeiro: Record, 2008.